

## ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DA INDÚSTRIA ALAGOANA NO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2017

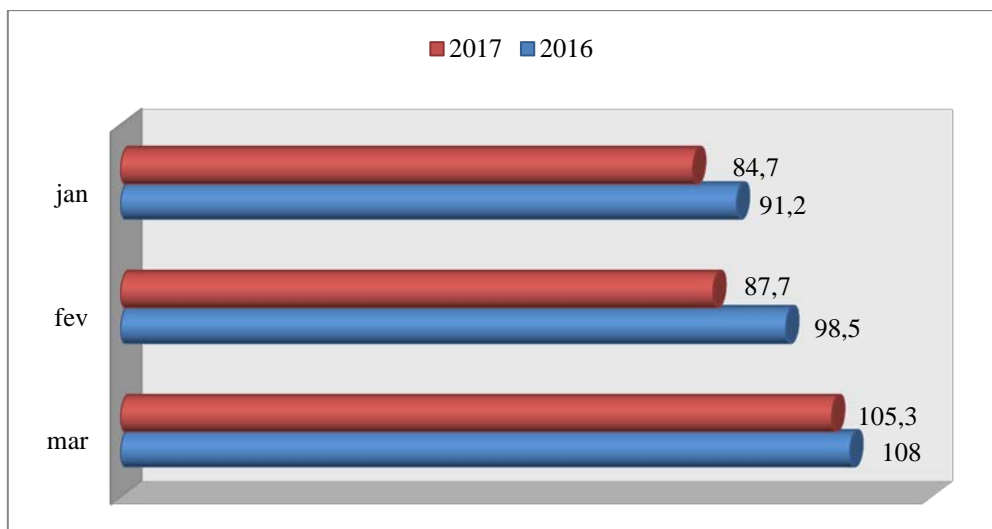
Superintendência de Produção da Informação e do Conhecimento (SINC)

Diretoria de Estatística e Indicadores

A presente Nota Técnica tem como objetivo apresentar um panorama geral da indústria, abordando alguns segmentos como: mercado de trabalho, energético, construção civil e combustíveis, para a economia alagoana no primeiro trimestre do ano de 2017, com base nos dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), Eletrobrás, Sindicato da Indústria e da Construção Civil de Maceió (Sinduscon) e Agência Nacional do Petróleo (ANP), e tem como foco o comportamento dos principais indicadores dos setores supracitados.

De acordo com a pesquisa dos indicadores industriais executada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), esta apresentou, no primeiro trimestre de 2017, uma redução no faturamento real, quando comparado com igual período de 2016 (Figura 1). Esses dados corroboram com o fato do sub-setor da indústria de transformação estar perdendo participação na composição do PIB.

Figura 1 - Faturamento real trimestral para a indústria de transformação nacional



Fonte: CNI. Elaboração SEPLAG/SINC.

## 1. Emprego

Ao analisar os dados do CAGED para o primeiro trimestre de 2017 (Tabela 1), é possível perceber uma redução do desemprego, se comparado ao mesmo período de 2016 (56%) – quando o saldo para a indústria fechou com um saldo negativo de 23.462 postos de trabalho. Parte deste resultado se deve ao período de entressafra da cana-de-açúcar, caracterizado pelo expressivo corte de mão-de-obra (-18.292 postos de trabalho em 2016 e -22.882 em 2017). É válido reforçar que este setor absorve um grande contingente de mão-de-obra em tempos de colheita e produção.

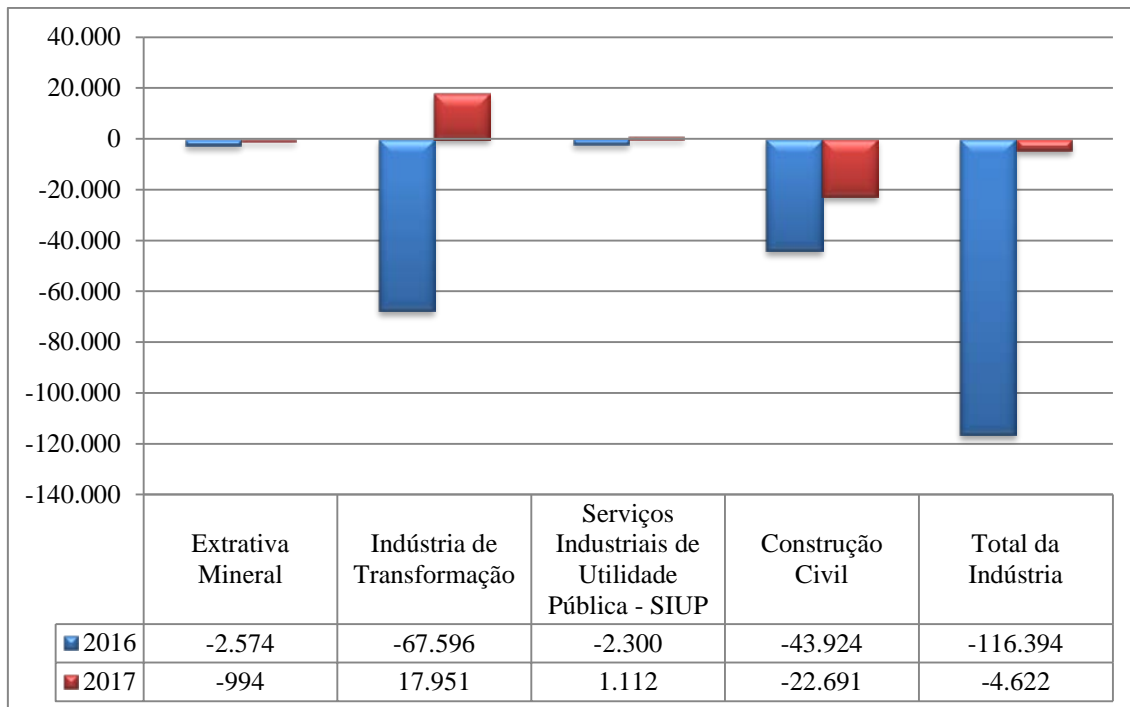
Tabela 1 - Saldo de Emprego para a Indústria em Alagoas, por Categoria, para o Primeiro Trimestre de 2016 e 2017

SETORES DE ATIVIDADE ECONÔMICA	Saldo Primeiro Trimestre 2016 (Variação absoluta)	Saldo Primeiro Trimestre 2017 (Variação absoluta)	Variação Percentual
<i>Extrativa Mineral</i>	-7	-24	243%
<i>Indústria de Transformação</i>	-18.292	-22.882	25%
<i>Serviços Industriais de Utilidade Pública - SIUP</i>	-76	-125	64%
<i>Construção Civil</i>	-776	-431	44%
<b>Total da Indústria</b>	-19.151	-23.462	23%
<b>Somatório de todos os Setores</b>	<b>-21.899</b>	<b>-27.444</b>	<b>25%</b>

Fonte: MTE (CAGED). Elaboração SEPLAG/SINC.

Quando analisa-se os dados a nível nacional (Figura 2) fica perceptível que o estado de Alagoas segue uma trajetória do Brasil, principalmente no tocante à indústria de transformação e SIUP, uma vez que estes apresentaram uma melhora da ordem de 126% e 148,35%, respectivamente quando comparado com o mesmo período do ano anterior.

Figura 2 - Saldo de Emprego para a Indústria, por Categoria, para o Primeiro Trimestre de 2016 e 2017, Brasil.



Fonte: MTE (CAGED). Elaboração SEPLAG/SINC.

Evidentemente que a retração dos gastos do Governo teve impactos no nível de emprego, como detalhando acima, da renda e da utilização de insumos, como é o caso da energia, detalhada abaixo.

## 2. Energia Elétrica

O Atlas de Energia Elétrica do Brasil, da ANEEL (2002, p. 39) detalha o seguinte:

o consumo de energia é um dos principais indicadores do desenvolvimento econômico e do nível de qualidade de vida de qualquer sociedade. Ele reflete tanto o ritmo de atividade dos setores industrial, comercial e de serviços, quanto a capacidade da população para adquirir bens e serviços tecnologicamente mais avançados, como automóveis (que demandam combustíveis), eletrodomésticos e eletroeletrônicos (que exigem acesso à rede elétrica e pressionam o consumo de energia elétrica).

A constatação acima é reforçada ao observar os dados do consumo de energia elétrica da indústria no estado de Alagoas, conforme Tabela 2, em megawatt-hora (MWh), para o primeiro trimestre de 2017.

Tabela 2 - Consumo de Energia Elétrica em Megawatt-hora (MWh) por Segmento Industrial, para o Primeiro Trimestre de 2016 e 2017.

Segmento da Indústria	Consumo de energia no 1º trimestre [MWh]		Variação Percentual
	2016	2017	
<i>Extrativa Mineral</i>	27.712	25.928	-6,44%
<i>Indústria de Transformação</i>	118.875	114.944	-3,31%
<i>Serviços Industriais de Utilidade Pública - SIUP</i>	1.774	3.916	120,74%
<i>Construção Civil</i>	361	348	-3,60%
<b>Total da Indústria</b>	<b>148.723</b>	<b>145.136</b>	<b>-2,41%</b>

Fonte: Eletrobrás. Elaboração SEPLAG/SINC.

Ao observar os dados na Tabela acima, é possível notar, excetuando-se o SIUP - que apresentou crescimento de 120,74% - que todos os segmentos industriais apresentaram variações percentuais negativas para o consumo de energia elétrica, cabe destaque à indústria extrativa, que apresentou queda mais acentuada em relação ao mesmo período do ano passado (6,44%).

No total da indústria, houve um recuo de 2,41% no consumo no primeiro trimestre de 2017 em relação ao mesmo período do ano anterior. Essa performance reflete um cenário desfavorável para a economia.

### 3. Construção Civil

De acordo com Teixeira e Carvalho (2005, p. 11) a construção civil é um setor de importância para o desenvolvimento econômico:

O argumento usado para definir a indústria da construção civil como setor econômico de importância estratégica é o seu tamanho e impacto direto na economia brasileira, bem como sua relevância indireta e induzida para o desenvolvimento. O seu efeito de encadeamento, para trás e para frente, é comparado ao de outros setores visando apontar sua importância relativa na estrutura produtiva nacional.

Com a finalidade de proporcionar uma análise mais detalhada, serão abordados o Índice de Velocidade de Vendas<sup>1</sup> (IVV) e o Custo da Construção Civil por Metro Quadrado<sup>2</sup>.

Tomando a Tabela 3, observou-se que o IVV do mercado para cidade de Maceió, no primeiro trimestre de 2017, teve uma elevação de 109% de janeiro (2,2) a março (4,6). Esse resultado fica ainda mais evidente quando compara-se o primeiro trimestre, para os anos de 2016 e 2017, cujo índice de velocidade de vendas, para a cidade de Maceió subiu, em média, 159%. Este resultado demonstra uma melhora no volume de vendas no mercado imobiliário da cidade de Maceió.

Os dados do SINAPI, Tabela 3, mostra que o custo por m<sup>2</sup> aumentou, chegando a uma média de R\$ 1.182,02 no período, que representa uma variação positiva de 4,9% em relação ao primeiro trimestre de 2016.

Criado em 1969, o Sinapi tem como objetivo a produção de informações de custos e índices de forma sistematizada e com abrangência nacional, visando não só à elaboração e avaliação de orçamentos, como também ao acompanhamento de custos.

Tabela 3 - Indicadores (Índice de Velocidade de Vendas – IVV e Custo por Metro Quadrado em Reais) da Construção Civil em Alagoas, para o Primeiro Trimestre de 2016 e 2017.

Mês	IVV <sup>2</sup>		Custo da Construção por m <sup>2</sup> ( <sup>3</sup> )	
	2016	2017	2016	2017
janeiro	3,1	2,2	1.122,73	1.178,86
fevereiro	2,4	5,3	1127,14	1.183,05
março	2,1	4,6	1130,69	1.184,16
<b>Média do 1º Trimestre</b>	<b>2,53</b>	<b>4,03</b>	<b>1.126,85</b>	<b>1.182,02</b>

Fonte: IBGE e Sinduscon – AL.

<sup>1</sup> Este índice é calculado para a região metropolitana de Maceió. Ele corresponde ao total das vendas de unidades habitacionais dividida pela oferta total de imóveis residenciais, multiplicado por 100.

<sup>2</sup> Em parceria com a Caixa Econômica Federal, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) desenvolve a execução da mensuração deste indicador mensalmente, através do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil (SINAPI).

Cabe ratificar que esse crescimento nos custos da construção por m<sup>2</sup> tende a acompanhar o aumento da inflação, pois a elevação dos preços das matérias-primas e da mão de obra provocam dificuldades para o setor, aumentando os custos.

#### 4. Petróleo e Gás Natural

Finn (1996, p. 12), considera que “mais insumos são necessários para aumentar o produto, significando que mais energia deve ser demandada para o crescimento do produto, em virtude da energia ser um importante item para a utilização do capital”.

Observando a Tabela e percebe-se que houve uma queda da produção total de petróleo, gás natural e líquido de gás natural em relação ao mesmo período do ano passado (22,22%). No caso da produção de petróleo houve uma redução de 31,88%, Gás Natural (-31,38) e Líquido de Gás Natural (-16,78).

Tabela 4 - Produção de Petróleo, Gás Natural, Líquido de Gás Natural, em Barris, em Alagoas para o Primeiro Trimestre de 2016 e 2017

Produção (em barris)	1º Trimestre 2016	1º Trimestre 2017	Variação (%)
Petróleo	435.481	296.668	-31,88%
Líquido de Gás Natural - LGN	110.170	89.279	-18,96%
Gás Natural	706.546	587.999	-16,78%
<b>Total</b>	<b>1.252.197</b>	<b>973.946</b>	<b>-22,22%</b>

Fonte: ANP. Elaboração SEPLAG/SINC.

Em síntese, os dados apresentados e discutidos na presente nota técnica apontam para a identificação de dificuldades nos setores industriais ligados a indústria de transformação, a construção civil e a indústria extrativa mineral em função do ajuste pelo qual passa a economia nacional.

## REFERÊNCIAS

**Agência Nacional do petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis – ANP. Dados de Petróleo e Gás Natural.** Disponível em: <<http://www.anp.gov.br/>>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2016.

**Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel).** Atlas de Energia Elétrica do Brasil. 2002. Disponível em:<[http://www.aneel.gov.br/documents/656877/14486448/LIVRO\\_ATLAS\\_2.pdf/712384c0-8922-42dd-a761-e82d770537ac?version=1.0](http://www.aneel.gov.br/documents/656877/14486448/LIVRO_ATLAS_2.pdf/712384c0-8922-42dd-a761-e82d770537ac?version=1.0)>. Acesso em novembro de 2016.

**Eletrobrás. Dados de Consumo de Energia Elétrica.**

**IBGE. Dados da Construção Civil.** Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&c=2296>>. Acesso em: de 08 fevereiro de 2016.

**Ministério do Trabalho e Emprego – MTE (CAGED).** Disponível em: <[http://portal.mte.gov.br/caged\\_mensal/principal.htm](http://portal.mte.gov.br/caged_mensal/principal.htm)>. Acessado em: 02 de fevereiro de 2016.

TEIXEIRA, L. P.; CARVALHO, F. M. A. A construção civil como instrumento do desenvolvimento da economia brasileira. Revista Paranaense de Desenvolvimento, n. 109, p. 9–26, 2005.

**Sindicato da Indústria e da Construção Civil (SINDUSCON – AL). Dados da Construção Civil.** Disponível em: <<http://www.sinduscon-al.com.br/>>. Acesso em: 06 de julho de 2015.

FINN, M. G., Energy Price Shocks, Capacity Utilization and Business Cycle Fluctuations. Minneapolis: Institute for Empirical Macroeconomics, 1996.